

2. A perspectiva arqueo-genealógica

Investigaremos, neste capítulo, a especificidade da descrição arqueológica e sua articulação com a genealogia, destacando os pontos de amarração que fazem, destas, dimensões simultâneas de uma mesma análise.

O conceito de arqueologia é introduzido a princípio como um jogo de palavras, “a descrição do arquivo” e depois é definido, relativamente a Kant, como “história do que torna necessário certa forma de pensamento”¹. Assim como Kant procurava descrever as estruturas *a priori* do conhecimento científico e da ação moral ou política, Foucault também procura descobrir o *a priori* histórico do saber e do poder. Assim como Kant não cessa de interrogar-se sobre o estatuto do seu próprio discurso em relação à *Aufklärung* e às estruturas da razão, Foucault mantém uma reflexão permanente acerca do seu projeto e da sua época.

Já o conceito de genealogia provém claramente de Nietzsche. Foucault disse muitas vezes que ele procurava fazer a genealogia da moral de nossos comportamentos e de nossas instituições modernas: escola, prisão, hospital, fábrica, casamento.

2.1 Arqueologia dos discursos

Empreenderemos nesse primeiro momento a análise da noção de arqueologia desde a sua primeira aparição em *História da loucura*² até a *Arqueologia do saber*, livro de grande riqueza teórica, onde Foucault expõe o método que utilizou, para a análise dos discursos, em suas pesquisas anteriores, das quais fazem parte *O nascimento da clínica* e *As palavras e as coisas*.

¹ Respectivamente FOUCAULT, M “Naissance d’un monde” in *Dits et écrits*, vol. I, p.786. Entrevista concedida a J-M Palmer e publicada anteriormente no jornal *Le Monde* em maio de 1969 e “Les monstruosités de la critique” in *Dits et écrits*, vol. II, p.221.

² De fato a palavra arqueologia aparece na *thèse complémentaire*, mas só ganha acabamento conceitual em *História da Loucura*, de 1961.

Para elucidar o sentido geral dado à arqueologia por Foucault, faz-se necessária uma análise de sua elaboração, considerando passo a passo o direcionamento desta noção em escritos convergentes, mas que guardam algumas diferenças entre si. Em outras palavras, o que será realizado é uma descrição deste posicionamento teórico levando em consideração a especificidade de cada pesquisa, o que não significa uma evolução ou aperfeiçoamento do conceito, mas uma permanente reflexão metodológica em direção a um lugar adequado para se pensar arqueologicamente.

2.1.1 A arqueologia da alienação

A *História da loucura na Idade Clássica*, publicado em 1961, é a primeira grande pesquisa de Foucault; sua tese de doutoramento na qual Foucault trabalhou durante toda a segunda metade da década de 50. Trata-se de uma história progressiva da medicalização da loucura, pois nem sempre o louco foi percebido como doente mental, objeto médico e científico de tratamento. É neste livro que verificamos a emergência do conceito de arqueologia.

A arqueologia da alienação é o conceito que lhe permitiu tratar do "grau zero na história da loucura", ou seja, não daquilo que foi pensado sobre ela, mas daquelas que foram as condições de possibilidade para um pensamento sobre a loucura. Direcionando seu olhar a uma região de vazio, isto é, "uma região, sem dúvida, onde se trataria mais dos limites do que da identidade de uma cultura"³, Foucault quer "interrogar uma cultura sobre suas experiências limites, o que significa questioná-la, nos confins da história, sobre um dilaceramento que é como o nascimento mesmo de sua história"⁴. Em outras palavras: a arqueologia de 1961 é o que permite ouvir, no silêncio do tempo, a instauração originária do que são os limites de uma cultura, que

³ FOUCAULT, M. *História da loucura na Idade Clássica*, p. 9.

⁴ *Ibid.*, loc. cit.

lhes dão seus contornos e, de certo modo, definem as condições de sua historicidade: a arqueologia é o estudo de história naquilo que é ausência da história.

Foucault define, já no prefácio, de que forma se dá esta pesquisa que não permite a utilização dos instrumentos da historiografia tradicional: "não se trata de uma história do conhecimento, mas dos movimentos rudimentares de uma experiência"⁵. Deste modo, "fazer a história da loucura quer dizer então: fazer um estudo estrutural do conjunto histórico"⁶ daquilo que constituiu a experiência da loucura na época clássica (séculos XVII-XVIII) – noções, instituições, conceitos científicos, práticas sociais, etc.

A linguagem utilizada por Foucault nesse momento – comum ao ambiente francês dos anos 50 e 60, de Barthes, Lacan, Lévi-Strauss e Althusser – desencadeou uma série de confusões em relação ao empreendimento arqueológico. O que é certo, porém, é a peculiaridade do estudo realizado por ele. Diferente do Estruturalismo, que desconsidera os eventos históricos como não significativos historicamente, em *História da loucura* os acontecimentos têm papel fundamental. Para Foucault, os eventos pontuais se libertam de seu caráter obscuro e, com toda sua visibilidade, vão assumir uma função simbólica preponderante, pois que evidenciam a superfície cultural em relação a qual uma experiência da loucura toma lugar. Assim, analisando sobre a onda de internamento de mendigos, vagabundos, alienados, miseráveis que ocorreu na Europa no século XVII, a significação, espacial ou temporal, do internamento é vislumbrada a partir de datas de referência: 1656 decreto da fundação, em Paris, do Hospital Geral; nos países de língua alemã, é o caso da criação das casas de correção, as *Zuchthäusern* (1620); na Inglaterra, as origens da internação são mais distantes, um ato de 1575 prescreve a construção de *houses of correction*. A recorrência a datas significativas – um édito real, a construção de um hospital, um texto científico – é uma constante no livro.

A relação que a arqueologia estabelece entre acontecimento e estrutura vai além da mera "crônica das descobertas ou de uma história das idéias": define-se como a descrição "do encadeamento das estruturas fundamentais da experiência, a história

⁵ FOUCAULT, M. *op. cit.*, p. 13.

⁶ *Ibid.*, *loc. cit.*

daquilo que tornou possível o próprio aparecimento de uma psicologia"⁷. O surgimento da psicologia é visto como a ocorrência de um fato cultural motivado, sobretudo, por uma experiência da loucura. O posicionamento arqueológico não um simples método historiográfico, mas um lugar; uma perspectiva onde é preciso se colocar para analisar aquilo que é um pouco anterior à história, que é mesmo sua condição de possibilidade.

Finalmente, por estar na origem de uma certa história, a experiência da loucura está além do próprio saber sobre ela e, por conseguinte, do próprio sujeito que conhece: ela se encontra no nível da simples percepção, anterior à tomada de consciência: "o medo diante da loucura, o isolamento para o qual ela é arrastada, designam, ambos, uma região bem obscura onde a loucura é primitivamente sentida – reconhecida antes de ser conhecida – e onde se trama aquilo que pode haver de histórico em sua verdade imóvel"⁸. A história nasce ali mesmo onde não há sujeito de conhecimento, onde o perceptivo é anterior ao cognitivo, onde o medo se sobrepõe ao saber, onde, enfim, só uma arqueologia pode dirigir seu olhar e, de fato, vislumbrar uma história.

2.1.2 A arqueologia das ciências humanas

Cinco anos após a publicação de *História da Loucura na Idade Clássica*, Michel Foucault traz a público uma nova pesquisa: *As Palavras e as coisas - uma arqueologia das ciências humanas*. Nesse estudo sobre as condições de possibilidade da cultura ocidental, Foucault incide seu olhar sobre a "tábua de trabalho" onde um pensamento pode pensar e de fato pensa, e analisa uma experiência singular: "em toda cultura, entre o uso do que se poderia chamar de códigos ordenadores e reflexões sobre a ordem, há a experiência nua da ordem e de seus modos de ser"⁹. Aqui o

⁷ FOUCAULT, M. *op. cit*, p. 15.

⁸ *Ibid.*, p. 54.

⁹ FOUCAULT, M. *Les mots et les choses*, 17.

posicionamento arqueológico é modificado sensivelmente. O estatuto dado à descontinuidade se transforma e a ruptura é instaurada: "o descontínuo – o fato de que em anos, por vezes, uma cultura deixa de pensar como fizera até então e se põe a pensar outra coisa e de outro modo – dá acesso, sem dúvida, a uma erosão que vem de fora, a esse espaço que, para o pensamento, está do outro lado, mas onde, contudo, ele não cessou de pensar desde a origem"¹⁰; o pensamento e o até então impensado se encontram no espaço em comum da descontinuidade, no limiar da sua própria temporalidade. Esta descontinuidade, que existe, por exemplo, entre a *epistémê* clássica, da representação, e a moderna, a nossa, da história, é uma transformação ontológica, pois "a ordem, sobre cujo fundamento pensamos não tem o mesmo modo de ser que a dos clássicos"¹¹. O que esta arqueologia evidencia é, à semelhança da arqueologia da alienação, mas de modo sensivelmente diferente, a possibilidade de uma história. Em *História da loucura*, havia uma experiência muda e primitiva, experiência fundamental da loucura que impunha o silêncio no qual os ruídos da história se faziam ouvir; em *As palavras e as coisas*, há simplesmente a ruptura, o limiar de uma positividade que torna possível um pensamento.

O pensamento clássico, onde a figura do humano estava diluída em empiricidades diversas – a vida, o trabalho, a linguagem – período em que o conhecimento estava marcado pela representação das coisas numa ciência geral da ordem (*mathésis*), era o pensamento da gramática geral, da análise das riquezas, da história natural: mais do que o tempo próprio das coisas, o que regia o saber era sua ordem. A ruptura, o acontecimento radical na ordem do saber, se dá entre os séculos XVIII e XIX, quando a representação das coisas não consegue mais suportar suas temporalidades e o pensamento, deixando de lado a *mathésis* que o ordenava, volta-se para sua própria historicidade. O tempo que atravessa a vida, o trabalho e a linguagem faz aparecer um homem que vive que trabalha e que fala; um homem que não cessou de procurar em sua vida, em seu trabalho e na sua linguagem a origem fundamental de seu ser, e que, por fim, descobriu-se não contemporâneo daquilo a partir do qual ele é. O pensamento moderno encontrou espaço quando passou a pensar a si próprio em

¹⁰ FOUCAULT, M. *op. cit.*, p. 22.

¹¹ *Ibid.*, p. 19.

termos históricos, quando, colocando o tempo como limite do pensável, fez nascer um ser finito: o homem, definido pela finitude das atividades que constituem sua história: viver, trabalhar e falar.

É esta a razão pela qual o século XIX é o século da história: assim que o homem, no mesmo momento em que apareceu, viu-se confrontado com um tempo que lhe era alheio, mas que o carregava diante das coisas, era necessária uma finitude que o relacionasse a este devir do mundo: a história é a relação do tempo, enquanto o inumano, com a humanidade recém-nascida do homem; ela humaniza o tempo tornando-o o tempo dos homens. Assim, esta arqueologia mostra como, a partir de uma ruptura, de um limiar de positividade, algo como o homem pôde ser pensado. E a partir disto, um conhecimento que, ao mesmo tempo, tem o homem como sujeito que conhece e como objeto a conhecer, encontra espaço no pensamento. Enfim, tal arqueologia dá conta de como as ciências humanas foram possíveis graças à descontinuidade entre a história natural e a biologia, entre a análise das riquezas e a economia, e entre a gramática geral e a filologia. Elas não estão amparadas sobre o mesmo solo epistemológico, não há uma *epistémê* fundamental assim como havia a experiência fundamental da loucura servindo de vazio originário para as histórias de loucos diferentes (os loucos de Bosch, os do internamento, os de Pinel). O vazio que a arqueologia das ciências humanas vasculha, o lugar onde ela incide seu olhar é o vazio da descontinuidade. Entretanto, a evidência maior para Foucault não é tanto o descontínuo por si só, mas a dispersão da continuidade: "o que eu quis estabelecer é justo o contrário de uma descontinuidade, já que evidenciei a própria forma da passagem de um estado ao outro"¹². O que permite a mutação histórica, o fato de algo deixar de ser para que algo diferente lhe tome o lugar, isto é, a passagem de um estado ao outro, este é o lugar desta arqueologia.

Evidenciar esta passagem de modo algum se confunde com o estabelecimento de uma origem histórica, já que "é sempre sobre o fundo do já começado que o homem pode pensar o que para ele vale como origem"¹³.

¹² FOUCAULT, M. *op. cit.*, p. 453.

¹³ *Ibid.*, *loc. cit.*

A arqueologia não é um estudo à semelhança da história das idéias que pretende, a partir de um determinado texto, encontrar-lhe filiação teórica e os fundamentos que garantam sua relação com o autor; é, ao contrário, a análise do que permitiu que tal autor escrevesse o que escreveu, do que possibilitou a teoria à qual está filiado: o estudo do pensamento na ausência daquele que o pensou.

Acusado de assassinar a história, pois não oferece qualquer causalidade entre duas *epistémês* sucessivas mostrando imobilidades desprovidas de sujeitos, Foucault respondeu em tom irônico: "não se assassina a história, mas assassinar a história dos filósofos, esta sim eu quero assassinar"¹⁴. E esta história dos filósofos que sua arqueologia recusa tão veemente ele define como: "uma espécie de grande e vasta continuidade onde vêm se emaranhar a liberdade dos indivíduos e as determinações econômicas ou sociais"¹⁵. É deste modo, em recusa a este tipo de história quase mitológica da continuidade onde se emaranham liberdades individuais e causalidades sociais que a arqueologia de Foucault vem se colocar. A arqueologia das ciências humanas, portanto, marca um deslocamento teórico em relação à arqueologia da alienação no que se refere ao caráter dado à descontinuidade. Uma enxerga a possibilidade de história em uma experiência silenciosa e fundamental, quase contínua não fossem as diferentes figuras da loucura por ela produzidas; a outra percebe tal possibilidade na ruptura entre duas configurações epistemológicas. O que, no entanto, é comum a ambas e que será, mais tarde terá melhor acabamento é a ênfase colocada na ausência do sujeito histórico: só se conhece a loucura a partir de uma percepção pré-cognitiva, isto é, anterior ao sujeito do conhecimento, e só se pensa segundo uma possibilidade definida historicamente que, no limite, acaba por possibilitar aquele mesmo que pensa.

¹⁴ FOUCAULT, M. "Sur les façons d'écrire l'histoire" in *Dits et écrits*, vol. I, p.586.

¹⁵ *Ibid.*, p. 589.

2.1.3 A arqueologia do saber

Em 1969 Foucault lança um livro inusitado: *A Arqueologia do saber*. De fato, parte deste trabalho é apresentada um ano antes dele ser publicado, quando Foucault é convidado pelo Círculo de Epistemologia para falar de sua teoria e de seu método de estudo das ciências. No texto, então apresentado¹⁶, que é em essência, o primeiro capítulo de *A Arqueologia do saber*, estavam expostos os pressupostos teóricos que fundamentam sua arqueologia, tais como a descontinuidade e a noção de arquivo. O livro propriamente dito é tanto uma resposta às duras críticas dirigidas a sua arqueologia das ciências humanas, quanto uma exposição geral do posicionamento arqueológico, retomando questões apresentadas nos trabalhos anteriores. O conceito de descontinuidade, "conceito operatório", é, na *Arqueologia do saber*, desenvolvido de maneira incisiva. Com a história das ciências, mais precisamente com Gaston Bachelard e Geroges Canguilhem, acontece uma mutação nas disciplinas históricas quando o descontínuo passa de obstáculo à prática: é tanto objeto quanto instrumento da análise histórica. Deste modo, "o problema não é mais a tradição e o rastro, mas o recorte e o limite; não é mais o fundamento que se perpetua, e sim as transformações que valem como fundação e renovação dos fundamentos"¹⁷. A tradição seria, aos olhos de Foucault, o que permite formar, a partir de fenômenos dispersos, um conjunto homogêneo de acontecimentos que, seguindo seu rastro, conduziria a pesquisa até o ponto originário daqueles fenômenos. A tradição "autoriza reduzir a diferença característica de qualquer começo, para retroceder, sem interrupção, na atribuição indefinida da origem; graças a ela, as novidades podem ser isoladas sobre um fundo de permanência, e seu mérito transferido para a originalidade, o gênio, a decisão própria dos indivíduos"¹⁸. Percebe-se com isso a recorrência à diferenciação entre começo e origem. Para a arqueologia do saber, os fenômenos simplesmente começam em pontos históricos

¹⁶ FOUCAULT, M. "Sur l'archéologie des sciences. Réponse au cercle d'épistémologie" in *Dits et écrits*, vol. I, pp.696-731.

¹⁷ FOUCAULT, M. *L'archéologie du savoir*, p.6.

¹⁸ *Ibid.*, p.13.

particulares, não se originam em algum lugar que seria como o lugar próprio da sua verdade: um espírito de época, uma mentalidade coletiva ou uma consciência individual; numa única palavra, um sujeito. O tempo é uma sucessão de descontinuidades, de começos nos já-começados; não é o devir de um pensamento ou de uma razão que, desde a sua origem, se arrasta na evolução lenta e contínua do seu progresso. Mas não é simplesmente o nível das temporalidades que a arqueologia do saber distingue da análise histórica em sua forma tradicional; a noção de documento também possui, na descrição arqueológica, tratamento especial. Mais do que a matéria onde estaria impressa alguma verdade do passado, a qual, através de uma interpretação, seria cabível ao historiador apreender, o documento assume as vezes de uma função: cabe ao historiador trabalhá-lo, organizá-lo, recortá-lo e estabelecer as relações das quais faz parte. "O documento não é o feliz instrumento de uma história que seria em si mesma, e de pleno direito, memória; a história é, para uma sociedade, uma certa maneira de dar *status* e elaboração à massa documental de que ela não se separa"¹⁹. Ou seja, é somente por meio de uma atividade historiadora que os documentos, sendo mais do que a mera expressão de uma memória coletiva, vêm a possuir certo sentido histórico. Este sentido não lhes é intrínseco, mas construído teoricamente: da mesma maneira como as sociedades do passado construíam monumentos como documentos de sua própria memória, a arqueologia transforma os documentos do passado em monumentos da história, ou, mais precisamente, monumentos de histórias. É este, então, o *status* dado pela arqueologia aos documentos históricos: construções teóricas. E os documentos-monumentos construídos pela arqueologia obedecem ao seguinte esquema: O discurso é constituído como objeto principal de análise, mas de uma forma muito particular. Aqui, os discursos, ou antes, as formações discursivas, são encaradas como campo de relação entre enunciados. Os enunciados, por sua vez, são as unidades elementares dos discursos. Assim, existem enunciados sobre a loucura, que, formam o discurso da psiquiatria, por exemplo. Entretanto, não é apenas o objeto enunciado que forma esta unidade discursiva: para pertencer àquele discurso, não só os enunciados devem enunciar a loucura, mas a enunciação deve respeitar modalidades particulares, deve

¹⁹ FOUCAULT, M. *op. cit.*, p.8.

ser estabelecida segundo conceitos convergentes e obedecer a estratégias enunciativas semelhantes. Nesse sentido, embora de forma contínua aconteçam enunciados sobre a loucura, as regras de formação dos discursos se modificam com o tempo; são descontínuas.

É tomando como documento fundamental os enunciados para, através deles, perceber as diferenças entre os discursos no tempo, que a arqueologia do saber opera. E este estudo das descontinuidades discursivas incide, em essência, sobre os arquivos, na definição particular que Foucault, lhes dá: o domínio das coisas ditas. Tal estudo não pretende, à semelhança da história do pensamento, interpretar os enunciados: não se trata de desvendar sentidos ocultos no que está aparente, encontrar não-ditos no que está dito. Esta interpretação, invariavelmente, remeteria a idéia de um sujeito onde residiria a verdade do enunciado. Não é o caso da arqueologia. “Analisar uma formação discursiva é procurar a lei de sua pobreza, é medi-la e determinar-lhe a forma específica”²⁰. A arqueologia, então, se distingue da história das idéias em inúmeros pontos. Na análise dos enunciados como fontes, ela não busca práticas manifestas através dos discursos, ela não os interpreta, mas toma-os, ele mesmo, enquanto práticas possíveis segundo regras historicamente definidas; ela não atribui causalidades entre dois discursos sucessivos, mas, no repentino da ruptura, torna evidente as diferenças que os apartam; ela não tem como pressuposto teórico a noção de sujeito como fundamento dos enunciados, mas, por meio destes, quer definir o lugar específico em que um sujeito pode se colocar para enunciá-los; ela não procura as origens remotas dos discursos, não estabelece relações entre o enunciado e seu autor, mas pretende delimitar as condições que possibilitaram se acontecimento. A descontinuidade arqueológica não é, finalmente, a negação do problema do sujeito e, por consequência, a recusa da história. Ela é, por sua vez, o questionamento mesmo de uma história do sujeito. Ao deixar em suspenso esta categoria tão familiar à história tradicional, Foucault demonstra que, antes de um fundamento dos discursos, o sujeito é apenas uma posição ocupada por aquele que enuncia algo; é, por conseguinte, uma função do discurso. Do mesmo modo, ao rejeitar a linearidade das mudanças históricas, ele evidencia as transformações discursivas que possibilitam

²⁰ FOUCAULT, M. *op. cit.*, p.35.

novas regras de enunciação. Em síntese, esta arqueologia mostra que as condições de possibilidade de uma determinada história, apreendida no nível das transformações discursivas, não dependem, exclusivamente, de um sujeito.

Tomando por base os estudos em que Michel Foucault aplica o procedimento arqueológico até a sua exposição mais rigorosa em *Arqueologia do saber*, acompanhamos o percurso de elaboração da noção de Arqueologia com o intuito de perceber suas transformações. Mais do que a evolução de um pensamento, o que ficou claro foi uma constante construção metodológica. O próprio fato de, somente após terem sido feitas as pesquisas de *As palavras e as coisas*, o método ter sido exposto em *A Arqueologia do saber* evidencia isso. Como Foucault mesmo afirmou, o solo onde elas repousam foi aquele que descobriram.

A arqueologia teve como preocupações fundamentais a temporalidade e o sujeito histórico. O que é constante nos três momentos descritos é o interesse em compreender as condições que possibilitam a própria história e, por conseguinte, o sujeito dela. A idéia de uma experiência fundamental da loucura mostrou-se precária, pois considerava uma continuidade como condição a - histórica inapreensível pela arqueologia da alienação. Assim, a ruptura foi buscada como elemento fundador da historicidade. Com isso, a arqueologia radicaliza seu intuito permitindo pensar que as próprias condições da história são históricas. Mantendo um distanciamento crítico com as demais análises históricas, Foucault garantiu uma autonomia teórica e constituiu seu trabalho como uma constante busca de método.

2.2) História dos sistemas de pensamento

A passagem da arqueologia à genealogia não é tão direta e absoluta como normalmente é pensada: a segunda não suprime a primeira. No intuito de descrever aquilo que muito arbitrariamente aqui se chama de descrição arqueo-genealógica, é preciso perceber o momento em que a genealogia é posta em evidência e se articula a arqueologia formando uma disciplina que deu nome a uma das cadeiras do *Collège de France*.

A história dos sistemas de pensamento é o ponto de convergência, mais do que a transição, entre os posicionamentos arqueológico e genealógico. É o momento em que o saber escapa aos discursos é analisado, de forma mais direta, segundo práticas e instituições diversas, através de experiências que transcendem o campo meramente discursivo e o inserem em relações de poder. Em seu memorial de candidatura à cátedra de filosofia do *Collège de France*, Foucault traça o percurso intelectual por ele percorrido desde a tese de 1961. Segundo este documento, o saber é considerado como um nível particular entre a opinião e o conhecimento científico; esse saber ganha corpo não só nos textos teóricos ou nos instrumentos de experiência, mas em toda uma série de práticas e instituições; todavia não é seu resultado puro e simples, sua expressão meio consciente; na verdade comporta regras que lhe pertencem inclusivamente, caracterizando assim sua existência, seu funcionamento e sua história.

Mantendo a autonomia que lhe fora atribuída desde *As palavras e as coisas*, o saber dali em diante será analisado por meio de suas formas empíricas além daquelas puramente textuais. Em setembro de 1970, numa conferência realizada no Instituto Franco-japonês de Kioto, Foucault já apresenta definições da sua história dos sistemas de pensamento: "para mim, tratava-se, então, não mais de saber o que é afirmado e valorizado em uma sociedade ou em um sistema de pensamento, mas de estudar o que é rejeitado e excluído"²¹.

²¹ FOUCAULT, M. "La folie et la société" in *Dits et écrits*, vol. II, pp. 129.

É, entretanto, em sua aula inaugural na prestigiosa instituição francesa, em 2 de dezembro de 1970, que são expostos com maior exatidão os fundamentos teóricos da história dos sistemas de pensamento. Em termos gerais, trata-se ainda de uma análise dos discursos que se articula, "não certamente com a temática tradicional que os filósofos de ontem tomam ainda como a história 'viva', mas com o trabalho efetivo dos historiadores"²². Este trabalho, com o qual ele próprio dialoga em sua prática, caracteriza-se, sobretudo, pela ênfase dada aos acontecimentos, não encarados isoladamente, mas a partir da série da qual fazem parte. Do mesmo modo que os documentos seriados sobre os preços levam os historiadores à compreensão das estruturas econômicas ou que os registros paroquiais conduzem a um estudo de demografia histórica, os discursos analisados segundo as séries às quais pertencem permitem considerá-los como acontecimentos discursivos que remetem a um horizonte de análise muito mais amplo. Os discursos, enquanto acontecimentos interessam à história dos sistemas de pensamento na medida em que podem ser inseridos em séries "que permitem circunscrever o 'lugar' do acontecimento, as margens de sua contingência, as condições de sua aparição"²³.

A análise seriada dos discursos-acontecimentos é o estudo de seu caráter descontínuo, de sua emergência histórica, das suas possibilidades e de sua especificidade ou raridade. Até então, as semelhanças com a arqueologia são totais. Todavia, há um importante deslocamento em relação à arqueologia. Como é destacado pelo próprio Foucault, as análises por ele propostas se dispõem em dois conjuntos, um crítico e outro genealógico. O primeiro daria conta daquilo cuja inspiração é oriunda da etnologia: as funções de exclusão dos discursos: a separação entre loucura e razão, os interditos da linguagem concernente à sexualidade, por exemplos. A função que diretamente interessa à história dos sistemas de pensamento, contudo, é aquela relativa aos princípios de verdade que opõem os discursos considerados verdadeiros àqueles rejeitados como falsos. O segundo conjunto, o genealógico, concerne à formação efetiva destes discursos, ao fato de acontecerem, como que por acaso, em determinado momento da história. Em suas palavras, "a

²² *Id.*, *L'ordre du discours*, p.57.

²³ *Ibid.*, p. 56

crítica analisa os processos de rarefação, mas também de reagrupamento e de unificação dos discursos; a genealogia estuda sua formação ao mesmo tempo dispersa descontínua e regular"²⁴. O título dos cursos anuais oferecidos por Foucault, na primeira metade da década de 70, no *Collège de France* indicam em que práticas e instituições foram buscadas os elementos para a história dos sistemas de pensamento: *A vontade de saber*, *Teorias e instituições penais*, *A sociedade punitiva*, *O poder psiquiátrico* e *Os anormais*. Assim, este redimensionamento da arqueologia e formulação da genealogia compreende um importante momento teórico no projeto filosófico de Michel Foucault.

2.3) Genealogia das práticas

Em 1971 Michel Foucault escreve *Nietzsche, la généalogie, l'histoire*; um dos raros estudos consagrados a Nietzsche.²⁵ Buscaremos, aqui, acompanhar os passos nele seguidos, visto que a posição genealógica de Foucault é nele apresentada inteira e abertamente.

A genealogia espreita os acontecimentos tidos como sem história no anseio de reencontrar o momento em que ainda não aconteceram. Isto não quer dizer, em absoluto, uma pesquisa de origem, este "desdobramento meta-histórico das significações ideais e das indefinidas teleologias"²⁶. A genealogia é a paciente procura dos começos históricos, lá onde não há uma identidade originária, apenas o disparate dos acasos, daquilo que é já começado. Ela aponta em direção ao lugar onde a história ainda guarda em si seu caráter mesquinho, baixo, pouco nobre e demasiadamente modesto. O estudo das origens leva quase que necessariamente, ao abrigo seguro dos deuses, das verdades imutáveis; a genealogia indica as verdades

²⁴ FOUCAULT, M. *L'ordre du discours*, p. 65.

²⁵ FOUCAULT, M. "Nietzsche, la généalogie, l'histoire" in *Dits et écrits*, vol. II, pp. 136-156. Este texto foi escrito em homenagem à Jean Hippolyte e publicado originalmente na coleção *Épiméthée*, 1971, pp. 145-172.

²⁶ *Ibid.*, p. 136-137.

ainda não verdadeiras, o lugar onde os deuses se rendem à impetuosidade da história. A descrição genealógica não recua, pela continuidade do tempo, ao momento do não-esquecimento, nem pretende fazer reviver no presente algum passado qualquer, dar novo alento às suas vozes, fazê-las, mais do que ecos ainda audíveis de ruídos já emudecidos pelo tempo, o som original dos cantos gloriosos de ontem. Ele trata da proveniência, do lugar onde os acontecimentos são acasos e não causalidades; ele faz descobrir "que na raiz daquilo que nós conhecemos e daquilo que nós somos – não existem a verdade e o ser, mas a exterioridade do acidente"²⁷. A genealogia quer apreender não o lento deslocar da coroa por sobre as cabeças dos príncipes, mas, uma a uma, em sua própria dispersão, as feridas abertas nos corpos dos pequenos homens, as chagas expostas ao tempo: "ela deve mostrar o corpo inteiramente marcado de história e a história arruinando o corpo"²⁸.

A história não é devir, mas emergência: espaço sem dono do aparecimento súbito e do confronto entre os corpos e deles com o tempo. Ela é sem responsabilidade, anônima e acidental. "Enquanto que a proveniência designa a qualidade de um instinto, seu grau ou seu desfalecimento, e a marca que ele deixa no corpo, a emergência designa um lugar de afrontamento"²⁹. Emergência dos homens, emergência das verdades, emergência das histórias; a perenidade do mundo na inconstância absoluta do tempo: "nada no homem – nem mesmo seu corpo – é bastante fixo para compreender outros homens e se reconhecer neles", assim, "a história será 'efetiva' na medida em que ela reintroduzir o descontínuo em seu próprio ser"³⁰. A história é efetiva se genealógica. Outra característica desta prática se situa no lugar ocupado por aquele que a pratica. A teogonia historiográfica leva o historiador ao aniquilamento de sua própria individualidade para que os outros entrem em cena e possam tomar a palavra. No anseio de despertar o passado da tranquilidade de seu sono, como se a história pudesse, respeitados todos os procedimentos técnico-metodológicos de uma ciência positiva, fazer reviver vozes há muito caladas, o historiador acaba por impor a ele próprio o silêncio. "E neste mundo em que ele terá

²⁷ *Ibid.*, p. 138.

²⁸ *Ibid.* p. 143.

²⁹ *Ibid.* p. 145.

³⁰ *Ibid.* p. 147.

refreado sua vontade individual ele poderá mostrar aos outros a lei inevitável de uma vontade superior”³¹. Mas o bom historiador, o genealogista, este impõe o "incontrolável de sua paixão": a destruição da história enquanto reconhecimento de si, enquanto reminiscência de identidades perdidas – sempre reencontradas em algum lugar do passado enquanto conhecimento da verdade fundamental do mundo. Trata-se de "fazer da história um uso que a liberte para sempre do modelo, ao mesmo tempo, metafísico e antropológico da memória. Trata-se de fazer da história uma contra memória e de desdobrar conseqüentemente toda uma outra forma do tempo"³². Trata-se mesmo de encontrar a história naquilo que a arruína.

A genealogia mantém da arqueologia o recurso à descontinuidade e à elisão do sujeito como fundamento da história. Contudo, há muito mais que uma simples permanência de método, é a articulação dessas duas dimensões que possibilita o desdobramento de suas pesquisas. A recusa da interpretação se mantém: nos documentos não é procurada uma verdade ulterior; deles, porém, são determinadas as relações das quais fazem parte, as quais não são simplesmente designadas por sua organização serial, mas pela função desempenhada em estruturas sociais marcadas pelo exercício de poderes e pela ascensão de saberes. A publicação pura e simples isenta de interpretação, dos documentos pertinentes ao caso de Pierre Rivière³³ é notória. Tais documentos formam um conjunto, antes de homogêneo (visto que tratam do mesmo assunto), disperso cuja unidade só

poderia ser imposta de forma alheia, no arquivamento jurídico dos autos do processo, ou pela sua publicação, mais de um século depois, em um livro. O intuito é claro: "fazer de algum modo o plano dessas lutas diversas, restituir esses confrontos e essas batalhas, reencontrar o jogo desses discursos, como armas, como instrumentos de ataque e defesa em relações de poder e saber"³⁴.

³¹ *Ibid.* p. 148.

³² *Ibid.* p. 153.

³³ FOUCAULT, M. *Moi, Pierre Rivière, ayant égorgé ma mère, ma soeur et mon frère... un cas de parricide au XIX siècle*. Paris: Gallimard, 1971.

³⁴ *Ibid.*, p.6.

A genealogia é a inserção do político, de forma mais direta, nos escritos de Foucault. Os discursos históricos são peças num jogo de poder, estão inseridos em uma trama irregular e assimétrica de estratégias e táticas discursivas. Ela torna-se "uma pesquisa propriamente histórica", ou seja; procura compreender como se puderam formar domínios de saber a partir de práticas sociais. A história das ciências era uma "história interna da verdade"; a genealogia é uma "história externa, exterior, da verdade. Em 1973, em visita ao Brasil, na PUC do Rio de Janeiro³⁵, ouviu-se um Foucault falando sobre exploração capitalista, pedindo permissão para "falar como historiador" e defender um ponto de incidência no qual funcionam os discursos, mas que não se resume a eles, pois os processos históricos da exploração "exerceram-se sobre a vida das pessoas, sobre seus corpos, sobre seus horários de trabalho, sobre sua vida e morte"³⁶, e não simplesmente nos discursos produzidos a partir deste exercício – ainda que a própria produção discursiva seja uma de suas formas. Foucault é enfático: faz aparecer, com "lentes de aumento" o que antes não se via, ou seja, "mudar de nível, se dirigir a um nível que até então não era historicamente pertinente, que não possuía nenhuma valorização, fosse ela moral, estética, política ou histórica". Para tanto, a história de um exorcista, de um moleiro ou de um assassino são utilizadas.³⁷ Contudo, para além dos estudos de casos, dos simples indícios e da análise morfológica, a genealogia amplia sua escala, permitindo entrever outras relações. *Vigiar e Punir*, publicado em 1975 livro preferido por muitos historiadores, é uma genealogia e tem o duplo objetivo de correlacionar a alma moderna com o poder de julgar, e investigar os fundamentos deste poder, o lugar e as condições de seu nascimento. Mas é nas aulas do *Collège de France* que é melhor apresentada a posição genealógica. É uma forma de crítica marcada por sua pontualidade, por seu caráter local, temporal ou espacialmente: "chamemos, se quiserem, de genealogia o acoplamento dos conhecimentos eruditos e das memórias locais, acoplamento que permite a constituição de um saber histórico das lutas e a utilização desse saber nas

³⁵ FOUCAULT, M "A verdade e as formas jurídicas" ("la vérité et les formes juridiques") trad. J. W. Prado Jr. cadernos da PUC nº 16, junho de 1947, pp. 5-133. in *Dits et écrits*, v. II, pp 538-646.

³⁶ *Ibid.*, p. 539.

³⁷ Cf. FOUCAULT, M.; FARGE, A. *Le désordre des familles: lettres de cachet des archives de la Bastille*. Paris: Gallimard-Julliard, 1982.

táticas atuais"³⁸. A genealogia é uma prática declaradamente voltada para o lugar em que é praticada, para o presente do genealogista, amparada em três bases distintas de crítica: a histórica, a teórica e a política. Daí a genealogia voltar-se como uma prática cotidiana das lutas habituais, constituir-se quase como um discurso-arma, instrumento de batalha, tal qual aqueles descritos em suas aulas de 1976³⁹. Um dos fundamentos teóricos que guiavam atividades políticas de resistência.

Ao lado da arqueologia, a genealogia será mantida como pressuposto metodológico até as últimas pesquisas, interrompidas precocemente, com a morte de Foucault.

2.4) História das problematizações

O período que separa a publicação do primeiro volume de *História da sexualidade*, em 1976, e seus subseqüentes, sete anos mais tarde, pode ser encarado como o prazo de reelaboração do método, de deslocamento teórico no que diz respeito ao projeto inicial de publicação, na tentativa de inserir essas pesquisas no contexto de um projeto filosófico ao qual Foucault se dedicava há mais de vinte anos.

É nesse sentido que, em outubro de 1980, na Universidade de Berkeley, foram proferidas por Foucault duas conferências com título geral *Verdade e subjetividade*⁴⁰. Nelas são apresentados os pressupostos da genealogia do sujeito moderno como finalidade de seu projeto intelectual, a qual tem como método "uma arqueologia do conhecimento" e como domínio de análise "a tecnologia". Significando isto "a articulações de certas técnicas e de certos tipos de discurso acerca do sujeito"⁴¹. Para tanto, o tema de pesquisa é deslocado do mundo moderno para a Antigüidade clássica grega. A genealogia do sujeito, admitida por um historiador do pensamento, coloca-se entre a história social e a análise formal do pensamento. Assim, ela tenta analisar "o

³⁸ FOUCAULT, M. *Resumé des cours* (1970-1982), p. 13.

³⁹ Id., "Il faut défendre la société" anuário *do Collège de France* de 1976 in *Dits et écrits*, vol. III, pp. 124-130.

⁴⁰ FOUCAULT, M. "Verdade e subjetividade" (Howison lectures) *Revista de comunicação e Linguagem*, n° 19 pp. 203-223 – Conferências em Berkeley em 20 e 21 de outubro de 1980.

⁴¹ *Ibid.*, p. 209.

modo como instituições, práticas, hábitos e comportamentos se tornam um problema para as pessoas que se comportam de maneira específica, que têm certos hábitos, que exercem certas práticas e que constroem tipos singulares de instituições"⁴². Neste caso específico, a noção de *parrhesia* é estudada nas tradições grega e greco-romana. Trata-se de uma forma de relação entre dois interlocutores na qual a função do dizer verdadeiro ou da enunciação da verdade assume características fundamentais. Tal relação é encontrada, de diferentes maneiras, nas tragédias de Eurípides, nos textos de Sócrates, em Sêneca e também em Epíteto.

No domínio de seis conferências, pronunciadas novamente em Berkeley, desta vez em 1983⁴³, nas quais a *parrhesia* é enfocada, Foucault não está preocupado diretamente com o problema da verdade, mas do dizer verdadeiro. Não é o caso de um estudo sociológico dos papéis diversos desempenhados por aqueles que dizem a verdade em diferentes sociedades. A problematização da verdade, tanto na filosofia pré-socrática quanto naquela que ainda é a nossa, de acordo com a análise empreendida por ele, possui dois aspectos principais: um diz respeito ao uso da razão como forma correta de determinar se um enunciado é verdadeiro ou não; o outro se relaciona à questão de saber qual a importância, para o indivíduo e para a sociedade, de dizer a verdade, de conhecê-la, de ter pessoas para dizê-la e a importância de reconhecer estas pessoas. O primeiro como analítica da verdade, o segundo enquanto ontologia do presente, ambos relativos ao pensamento ocidental. De maneira que o objetivo principal do seminário, intitulado *Discourse and truth: the problematization of parrhesia*, é construir uma genealogia da atitude crítica na filosofia ocidental.

Do ponto de vista metodológico, a história das problematizações não tem como objeto de análise o comportamento dos indivíduos no passado nem as idéias apresentadas como valores representativos, mas o "processo de problematização, o qual significa: como e por que certas coisas (comportamentos, fenômenos, processos) tornam-se um problema. Por que, por exemplo, certas formas de comportamento foram caracterizadas e classificadas como 'loucura' enquanto outras formas similares

⁴² *Ibid.*, p. 213.

⁴³ FOUCAULT, M. "Discourse and truth: the problematization of *parrhesia*" (six lectures given by Michel Foucault at Berkeley, Oct.-Nov., 1983). In: PEARSON, J. (ed.). *Fearless Speech*. Los Angeles: Semiotext(e), 2001.

foram completamente negligenciadas em determinado momento histórico; a mesma coisa para o crime e a delinquência, a mesma questão de problematização para a sexualidade"⁴⁴. A própria concepção de pensamento assume características singulares nos estudos de Foucault: mais que o motivador de condutas e atitudes, mais que o produtor de idéias ou mentalidades, o pensamento é aquilo que permite questionar tais atitudes e condutas, tais mentalidades ou idéias, é o que permite problematizá-los. É, então, a partir deste ambiente que o projeto da *História da sexualidade* é retomado. *O uso dos Prazeres*, onde são colocados os deslocamentos em relação ao anterior, é uma genealogia, se apresenta como um trabalho histórico e crítico. Em outras palavras, "um exercício filosófico: sua articulação foi a de saber em que medida o trabalho de pensar sua própria história pode liberar o pensamento daquilo que ele pensa silenciosamente, e permitir-lhe pensar diferentemente"⁴⁵. Esse texto pode ser lido, levando-se em consideração todo o percurso de Foucault, como um retorno à filosofia, não àquela constantemente criticada por se reduzir à mera disciplina universitária, mas à filosofia como forma de vida, como experiência histórica. Um novo posicionamento teórico de Foucault pode ser evidenciado já que é nele que mais explicitamente a história se encontra com a filosofia —, sendo praticada de forma filosófica. A genealogia do sujeito moderno, genealogia como investigação histórico-crítica, ou simplesmente como história das problematizações, é, em poucas palavras, o estudo das formas como os indivíduos se constituíram como sujeitos em diversos momentos da história, problematizando suas próprias condutas e, a partir disso, sua relação com a verdade. Em quatro diferentes temas, todos pertinentes a um vasto território denominado sexualidade, Foucault circunscreve um campo preciso dentro da cultura grega: o do pensamento sobre os prazeres levando em consideração as morais que o definem. Moral, num sentido muito mais amplo que o de código: como postura diante dos valores e das regras, como modo de pensá-los, aceitar ou recusá-los. Porém, uma moral relativa apenas a determinados indivíduos do sexo masculino e de um campo social bastante limitado. Assim, o tema do corpo, o da casa, o da relação com os rapazes e do amor verdadeiro, tal como é problematizado em uma

⁴⁴ FOUCAULT, M. *Histoire de la sexualité: L'usage des plaisirs*, p. 11.

⁴⁵ FOUCAULT, M. op. cit. p.13.

série de textos específicos, é estudado. Tal documentação, constituída por textos que, se hoje dizem respeito apenas à história da filosofia, à época, possuíam um caráter muito mais prático que teórico. Mais que manuais de postura, são formas de pensar as próprias condutas. A história das problematizações demonstra como esta experiência foi tomada como objeto de pensamento de diferentes formas e segundo valores distintos. Ela evidencia a pluralidade de práticas e pensamentos que possibilitam os sujeitos na história, e não uma espécie de sujeito histórico imutável segundo uma verdade universalizante.

A questão da crítica do sujeito e da problematização da verdade terá um melhor desdobramento em capítulos específicos, na segunda parte deste trabalho.

O projeto filosófico de Michel Foucault interrompeu-se neste momento, que não deve ser encarado como ponto de conclusão dos esforços que começaram mais de 20 anos antes. A história das problematizações não é, de forma alguma, o desfecho lógico da arqueologia; mas antes, uma incessante vontade de retomar tudo o que já foi feito para fazer uma outra coisa; pensar um outro pensamento.